

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE MULHERES CIENTISTAS EM UM NÚCLEO DE ESTUDO DE GÊNERO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Judimar Teixeira da Silva Andrade ¹
Ivaneide de Souza Oliveira ²
Sileide Maria Oliveira de Araújo ³
Nilciede Cruz da Silva ⁴

INTRODUÇÃO

Até início do século XX, a ciência era culturalmente definida como uma carreira imprópria para as mulheres. Entretanto, muitas mulheres, “traindo a própria natureza”, participaram da produção do conhecimento científico. Na História da Ciência, algumas mulheres têm lugar de destaque, a exemplo da física polonesa Madame Curie, que em 1903 tornou-se a primeira mulher a receber o prêmio Nobel de Física e em 1911 recebeu o prêmio Nobel em Química, tornando-se a primeira cientista a conquistar um segundo prêmio Nobel (Nobel Prize, 2010 web). Contudo, mesmo ostentando uma situação ímpar, vale ressaltar que, em 1911, Marie Curie perdeu por um voto o direito de ingressar na Academia de Ciências da França por ter uma possível ascendência judia, por ser estrangeira, mas principalmente por ser mulher, tornando visível a secular resistência masculina à inserção das mulheres no mundo da ciência (CHASSOT, 2006).

A primeira menção ao termo *gender and science* foi realizada pela americana Eleyln Fox Keller (1995) em 1978, quando utilizou este termo para criticar a ciência sempre ligada ao masculino. Para esta autora, os estudos de mulheres na ciência começam com a segunda onda do movimento feminista, nas décadas de 70 e 80 e não nas obras sobre história da ciência.

Entretanto, estudos internacionais e nacionais debruçaram-se a discutir a representação da mulher na ciência. Entre os estudos internacionais atuais sobre gênero e ciência, há alguns que procuram enfatizar que, através da análise dos diferenciais de produtividade, é possível verificar como se encontra o status da mulher na ciência (FOX, 1983; LEWISON, 2001; MAULEÓN; BORDONS, 2010; AKSNES et al., 2011).

Nas últimas décadas podemos testemunhar avanços significativos em relação à participação da mulher na área científica. Apesar que quantitativamente o acesso da mulher e homem ao ensino superior seja praticamente igual, ainda existe uma diferença favorável ao homem em relação aos cargos de chefia e aos cursos de graduação com maiores prestígios perante a sociedade (Guedes, 2008).

¹ Mestranda do Curso de Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural - PE, judimarsilva@bol.com.br

² Especialista pelo Curso de Língua Vernácula da UNICAP - PE, ivaneidesouza_oliveira@hotmail.com;

³ Mestranda do Curso Ciências da Educação da Absolute Christian University, sileideduc25@hotmail.com;

⁴ Mestre pelo Curso de Matemática Profissional da UFRPE - PE, nilciede@gmail.com;

Atualmente, é possível perceber o número significativo de mulheres em muitas universidades do país como docentes e pesquisadoras, como estudantes de graduação e pós-graduação, no entanto, apesar do crescimento significativo da presença feminina na ciência, ainda se evidencia que essa participação vem ocorrendo de modo dicotimizado ou ainda está aquém da masculina, bem como as mulheres ainda não avançam na carreira na mesma proporção que os homens.

Nesse contexto, a ciência moderna, constituída quase que exclusivamente pelos homens, opera num sistema excludente para as mulheres, através de discursos e práticas nada neutros. Portanto, as definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência incorporam a visão de mundo dos sujeitos que criaram essa ciência: os homens, ocidentais, brancos, membros das classes dominantes (LOWY, 2009). Tais valores masculinos, dos quais as mulheres são “naturalmente” desprovidas, são considerados necessários na produção do conhecimento científico.

Maria Garcia e Eulália Sedeño (2006), ao analisarem a participação das mulheres nas ciências, afirmam que a pesquisa científica conta com apenas 30% de pesquisadoras. Já em altos postos, estimam que esteja em torno de 5 a 10%. Essa taxa é ainda menor nas áreas consideradas masculinas, ou seja, nas áreas das ciências tidas como exatas. Sendo assim, acredito na importância de um questionamento sobre os discursos que circulam e concretizam esse universo das Ciências.

A escola como um espaço de convívio social pode e deve debater temas referentes ao futuro profissional dos seus estudantes e sobretudo sobre questões referentes ao gênero, pois quando se trata da profissão que a estudante almeja muitas vezes nos deparamos com a ausência de mulheres em determinados cursos, tidos originalmente como cursos para homens. Percebendo-se assim que as adolescentes percorre toda a educação básica com conceitos formados que não contribuem para a ascensão da mulher.

Nesse sentido, esse relato de experiência torna-se de extrema importância uma vez que esse trabalho teve como objetivo promover uma discussão sobre as problemáticas relacionadas às questões de gênero e ciência no ambiente escolar. Os objetivos específicos para essa pesquisa são identificar os conhecimentos prévios dos estudantes referente à temática gênero e Ciência; Repensar valores, conceitos e atitude em relação à atuação da mulher na carreira profissional e divulgar as conquistas da mulher na ciência

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente relato de pesquisa foi desenvolvido na Escola de Referência em Ensino Médio Padre Osmar Novaes (EREMPON) situada no bairro de Paratibe, na cidade do Paulista em Pernambuco. As investigações aconteceram no período de fevereiro a julho do corrente ano. Os sujeitos da nossa pesquisa são 38 estudantes do 1º e 2º anos, com idade entre 14 e 16 anos, do sexo feminino do Ensino médio.

A abordagem da temática gênero e Ciência foi desenvolvida na forma de quatro oficinas pedagógicas, 1 h/aula por semana no núcleo de estudo de gênero e enfrentamento da violência contra a mulher da própria escola, através de atividades interdisciplinares para a produção de um telejornal com o uso de dispositivos móveis.

As oficinas foram iniciadas com vídeos ou música para estimular o debate sobre a questão de gênero e professores de diferentes áreas do conhecimento participaram de forma interdisciplinar. E elas foram escolhidas porque constitui uma metodologia dinâmica capaz de

integrar e gerar muitos saberes, contribuindo assim no processo de ensino e aprendizagem do estudantes.

As oficinas pedagógicas são situações de ensino e aprendizagem por natureza abertas e dinâmicas, o que se revela essencial no caso da escola pública –instituição que acolhe indivíduos oriundos dos meios populares, cuja cultura precisa ser valorizada para que se entabulem as necessárias articulações entre os saberes populares e os saberes científicos ensinados na escola (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 11).

As oficinas que já foram desenvolvidas serão apresentadas a seguir:

1º Oficina: Conceitos de gênero e sua relação com a Ciência. Nessa oficina foram realizadas as seguintes ações: Formação de equipes para distribuição de textos e problematizações sobre a temática gênero e Ciência na escola; Debate entre as equipes sobre as atividades ligada ao gênero e participação da mulher na comunidade científica; Produção de texto sobre a atuação da mulher na ciência; Confeção de um fichário com os textos sobre mulheres cientistas para uso dos estudantes.

2º Oficina: As contribuições da mulher na carreira científica. Nessa oficina foram realizadas as seguintes ações: Pesquisa e leitura de textos sobre as descobertas científicas realizadas pelas mulheres; Orientação sobre o uso de dispositivos móveis para a produção de vídeos curtos sobre a biografia e conquistas das cientistas; Caracterização das cientistas; Divulgação científica na escola sobre o legado das mulheres cientistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação da proposta desse projeto com as estudantes a princípio nos remeteu a mais um trabalho de simples discussões e resultados dos dados que muitos autores já possuem sobre a mulher na ciência. Mas que no momento da escuta das concepções prévias das estudantes, logo surgiram várias indagações pertinentes e instigantes para o trabalho que ainda iniciara. Perguntas como: por que mesmo com todos os avanços da sociedade a mulher ainda é discriminada pelo simples fato de ser mulher? Por que encontramos poucas mulheres cientistas nos livros da escola? Por que não ouvimos falar tanto das descobertas das mulher? Como fazer para mudar a realidade da mulher no mundo do trabalho?

Portanto, logo foi percebido que tinha muito a ser trabalhado e foi só o começo de uma longa jornada de debates, pesquisas, divulgações e produção de material científico escrito e na forma de vídeo.

Os resultados dessa experiência revelam que a forma de oficinas pedagógicas contribuíram para a interação entre as adolescentes nos grupos e o professor, de forma que sentiram-se mais a vontade para questionar e se posicionar diante das situações do cotidiano levantadas no debate. Castellano e Coco (2006), as oficinas pedagógicas propõem que professores e alunos trabalhem juntos, sem que haja uma dicotomia hierárquica de papéis, haja vista que o conhecimento não é repassado do professor para o aluno, mas é construído pelo aluno no decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

Podemos perceber nas estudantes um processo de sensibilização e criticidade em relação aos preconceitos existentes em relação a ascensão da mulher na comunidade científica, despertando o desejo de divulgar os trabalhos que as mulheres veem desenvolvendo cientificamente no ambiente escolar, inclusive incentivando e orientando as demais estudante da escola sobre as carreias científicas e potencialidades da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que ao discutir a temática gênero e ciência na escola fez emergir conceitos formados a respeito das diferenças entre homens e mulheres na carreira científica, reconhecendo a necessidade de refutar qualquer preconceito referente a vida profissional de uma mulher.

Que qualquer tentativa de impedir a ascensão da mulher ou desvalorizá-la quanto ao salário, área de conhecimento ou profissão que deseja é um caso de discriminação e de violação de direitos pelo fato de ser mulher.

A divulgação científica na escola sobre o legado de cientistas é uma importante iniciativa para que as estudantes acreditem que a mulher pode desenvolver qualquer atividade profissional que desejar e, sobretudo, na área de ciências exatas.

Portanto, fica explícito que a temática gênero e ciência precisa ser mais explorada no contexto da educação básica como uma forma de estímulo e compreensão de que a mulher possui capacidade e direito de decidir sobre a sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

AKSNES, Dag. W. et al. **Are female researchers less cited?** a large-scale study of norwegian scientists. *JASIST*, v. 62, n. 4, p. 628-636, 2011.

CASTELLANO,S; COCO, L. M. Hacia una conceptualización teórica de la modalidad taller. *UNIrevista*,1(3), 1-10, 2006.

FOX, M.F. Publication productivity among scientists: a critical review. *Social Studies of Science*, v. 13, p. 285-305, 1983.

LEWISON, G. **The quantity and quality of female researchers:** a bibliometric study of Iceland. *Scientometrics*, v. 52, n. 1, p. 29-43, 2001.

LOWY,I. “Ciências e gênero.” In: Hirata, Helena et al (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, pp. 40-44, 2009.

MAULEÓN, E.; BORDONS, M. **Male and female involvement in patenting activity in Spain.***Scientometrics*, v. 83, p. 605-621, 2010.

NOBEL, P. "All Nobel Prizes", Nobelprize.org. http://nobelprize.org/nobel_prizes/lists/all/ acesso em 17.05.2018.